

Fonte PIXABAY: Criança rezando.



ANTIQUUM MINISTERIUM O MINISTÉRIO LAICAL DE CATEQUISTA E OS DESAFIOS DAS NOVAS VOCAÇÕES



Por Adilson Souza, Mestre¹

O Ministério Laical de Catequista, instituído pelo Papa Francisco no dia 10 de maio deste ano, reconhece a importância das pessoas que o conduzem, bem como ratifica a importância da catequese em si. O Motu Próprio inicia-se com o reconhecimento da antiguidade e tradição desse ministério, tão antigo como e uma das missões imprescindíveis para a instalação e perenidade da Igreja. O Papa cita, na introdução, um trecho de Paulo aos Coríntios (1, Cor, 12 28-31) como uma comprovação inicial da atividade pastoral dos 'mestres' dizendo: "E aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo, profetas; em terceiro, doutores [...].” Doutores ('mestres'), aqui, são os encarregados em cada Igreja, do ensinamento regular e ordinário (vide At, 13, 1+).

1 - Graduando em Teologia, Matemático, Mestre, Superintendente do Axis Instituto.

Outra passagem 'metodológica' citada no documento é do apóstolo Lucas (1, 3-4), na abertura do seu Evangelho quando se dirige a Teófilo: “a mim também pareceu conveniente, após acurada investigação de tudo desde o princípio, escrever-te de modo ordenado, para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebestes”. Lucas demonstra, pode-se inferir conforme grifo do autor, que, através dos seus estudos e registros, estaria metodologicamente ensinando e possibilitando a propagação da palavra e da missão a todos nós confiadas. Chama a atenção, nessa passagem de Lucas, e nas entrelinhas por ele colocadas, o zelo e a preocupação em instruir de forma correta e calcado em fatos que foram solidamente pesquisados para que a instrução pudesse ser imaculada e adequada. Essa 'acurada investigação' citada pelo apóstolo, denota a importância de que os catequistas dos nossos tempos não se atenham à reprodução automática e mecânica daquilo que receberam e que hoje transmitem. O Evangelho é o mesmo, mas os tempos são outros. O Papa Francisco em uma de suas inúmeras entrevistas (2014) disse: “Vivemos não só uma época de mudanças, mas uma mudança de época.” Assim, como catequizar no século XXI usando as mesmas ferramentas dos séculos de outrora? Como não aprofundarmos nos diversos documentos da Igreja e fazermos uma acurada investigação (como São Lucas destacou à Teófilo) antes de levar a palavra aos outros?

O apóstolo Paulo, em recomendação aos Gálatas e, por analogia, aos catequistas, ensina: “Mas quem está a ser instruído na Palavra esteja em comunhão com aquele que o instrui, em todos os bens” (Gal 6, 6). O Motu destaca, nessa passagem, uma peculiaridade fundamental, quer seja, a comunhão de vida como característica da fecundidade da verdadeira catequese recebida. Assim, vejamos: se o múnus de catequizar pressupõe uma sintonia de ações entre aquele que ensina e o que apre(e)nde, exigências maiores impelem, portanto, que o formador se atenha a uma vida pautada por princípios que, quando replicados ou vivenciados pelos catequisandos, o possam fazer de maneira irrepreensível ou, no mínimo, coerentes com a tradição e filosofia cristã católica.

Essa garantia da unidade e harmonia de ações entre o catequista e o catequisando é, de certa forma, apresentada no item 2 do documento quando vemos, sobre a forma difusa de ministerialidade ao longo da história e a serviço da edificação da Igreja, ensinada pelo apóstolo Paulo que, mesmo com a diversidade de dons, de serviços, do modo de agir, tudo é realizado por Deus. Ou seja, “é o único e mesmo Espírito que isso tudo realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz” (1 Cor 12, 11). Daí, não estamos soltos ou fazendo conforme a nossa inspiração e sob a nossa única e inteira vontade. Uma força maior, um sopro santo, o ruah nos leva e nos impele a agir.

O documento reconhece e ratifica a importância, ao longo dos dois milênios, da efetiva missão dos catequistas, sejam membros do clero, religiosos(as) de vida consagrada, bem como uma infinidade de leigos(as), esses(as), de maneira ainda mais presentes e reconhecidos(as) após o Concílio Vaticano II e que abraçaram tão sublime ofício na difusão do Evangelho, através do ensino catequético.

Esta presença laical, destaca o documento,

“torna-se ainda mais urgente nos nossos dias, devido à renovada consciência da evangelização no mundo contemporâneo e à imposição duma cultura globalizada, que requer um encontro autêntico com as jovens gerações, sem esquecer a exigência de metodologias e instrumentos criativos que tornem o anúncio do Evangelho coerente com a transformação missionária que a Igreja abraçou. Fidelidade ao passado e responsabilidade pelo presente são as condições indispensáveis para que a Igreja possa desempenhar a sua missão no mundo.”

E temos, no presente, no mundo contemporâneo e globalizado, uma sociedade fragmentada, com visão muitas vezes egoísta e hedonista, buscando o prazer pelo prazer, onde a Igreja muitas vezes não se enquadra como resposta a essas aspirações, notadamente para uma boa parcela da juventude que sente o vazio material e existencial premente.



São desafios que imperam e exigem de todos – aqui destacando os catequistas – uma renovada consciência, metodologias eficientes e preparação acerca dos temas e de como abordar aqueles que receberão a palavra. Como destaca a encíclica *Evangelii Gaudium* (102) citada pelo Papa no documento,

“é tarefa dos Pastores sustentar este percurso e enriquecer a vida da comunidade cristã com o reconhecimento de ministérios laicais capazes de contribuir para a transformação da sociedade através da penetração dos valores cristãos no mundo social, político e econômico.”

Para os leigos, portanto, é um percurso de formação e evangelização que demanda à Igreja uma sólida doutrina e exposição desta na prática da catequese. O leigo tem, aqui, dada a peculiaridade de sua atuação secularizada, a possibilidade de penetração e potencial influência nos meios nos quais convive, inserindo os valores cristãos no mundo social, econômico e político, como aduz a *Evangelii Gaudium* (102).

Um outro desafio que se impõe aos catequistas é que a adesão à Igreja Católica e as novas formas de integração a ela sofreram mudanças radicais no decorrer da história e se tornou um enfrentamento teológico de grande proporção. Tínhamos, no passado, uma tradição de fé católica recebida - muitas vezes sem questionamentos - de nossos antepassados e transmitida às gerações. Hoje na sociedade cada vez mais laicista, com o progresso da ciência e da técnica, consumista, secular ou voltada a outros credos, torna-se um desafio o como resgatar e 'encantar' os dissidentes, os desiludidos e os neófitos à participação efetiva na Igreja. A educação primeira - familiar – também precisa ser fortalecida (ou re-catequizada) para a manutenção e perpetuação na e da fé católica. A burocracia eclesial e o próprio clericalismo também se tornaram desafios que envidam a todos os catequistas esforços enormes para superá-los, dado que a questão é histórica e de grandes barreiras, sejam explícitas ou implícitas; estas últimas, sendo mais difícil identificá-las e, conseqüentemente, obstruindo a elaboração de estratégias para a superação e o cumprimento da missão da Igreja.

O documento afirma, nesse sentido, que receber um ministério laical como o de catequista imprime uma acentuação maior ao empenho missionário típico de cada um dos batizados que, no entanto, deve ser desempenhado de forma plenamente secular, sem cair em qualquer tentativa de clericalização. Isso demanda mudanças no currículo de formação dos catequistas; um aprofundamento na doutrina católica, de maneira especial nas questões bíblicas e litúrgicas; a própria formação nos seminários, que interfere diretamente na ação dos catequistas; uma necessária mudança de mentalidade dos formadores; clareza e senso de investigação e a curiosidade e pesquisa nos 'repetidores' (como fizeram Dom Luciano Mendes e o Pe. João Batista Libânio no Colégio Pio Brasileiro/Itália) com vistas à formação que atenda às aspirações da Igreja e do mundo em constante transformação.

Cabe também, além da preparação inicial dos catequistas, a sua formação constante, a prática de uma *lectio* divina dinâmica e sistemática que lhes permita, como bons pedagogos, no sentido lato da palavra e em sua definição clássica, serem os guias, os preceptores, os mestres – como dito pelo apóstolo Paulo à comunidade de Corinto - e aqueles que conduzem à interpretação e a uma ampla, factível e prazerosa vivência do Evangelho. O Motu papal não detalha quais os requisitos a serem implementados na trajetória de formação, além da ênfase laical do ministério instituído. Mas a Carta Apostólica destaca que caberá às Conferências Episcopais estabelecer o íter formativo para a devida e coerente preparação dos leigos a essa missão instituída. Assim, o percurso a ser definido dependerá do engajamento e experiência daqueles que irão elaborar tal formação, esperando dos construtores do citado itinerário, o conhecimento e adaptação do vasto material que já existe sobre o tema, a adequada relação com os leigos, com as atividades seculares, às especificidades do mundo e, abertos às mudanças e exigências desse novo tempo e de uma nova era, que compreenda e coloque à frente a Igreja e os desafios mutacionais do mundo.



Pode-se dizer, dadas as evidências estatísticas, de outro enorme desafio imposto aos catequistas, quais sejam, a capacidade de motivação às novas vocações como partícipe das pastorais católicas, a aspiração à vida sacerdotal e o chamado à vida religiosa consagrada. Claro que o catequista por si só não é o responsável pelo serviço de animação vocacional (SAV) das comunidades, mas pela própria essência do múnus evangelizador e como portador do querigma, ele se apresenta como um provocador natural que pode levar os corações dos catequisandos a perscrutar os desejos insondáveis de Deus em suas vidas. E como destaca o documento no excerto do Decreto AD Gentes (17), “hoje em dia, em razão da escassez de clero para evangelizar tão grandes multidões e exercer o ministério pastoral, o ofício dos catequistas tem muitíssima importância.”

E isso se prova necessário, pois nos últimos 50 anos (CERIS, 2015), o número de religiosas no Brasil reduziu em torno de 15%; o de religiosos manteve-se estável (em torno de 8 mil) e o clero diocesano teve um aumento exponencial (mais de 200%), mas, ainda reduzido frente às demandas e crescimento populacional brasileiro. Soma-se a isso, a morosidade da Igreja católica em responder de maneira ágil as demandas dos fiéis, inclusive na construção de novas comunidades, templos e na migração do carisma dos institutos de vida consagrada para regiões socialmente mais vulneráveis e espiritualmente fragilizadas. Nesse contexto, temos também a dificuldade diocesana em enviar padres para regiões mais longínquas e menos favorecidas

economicamente. E de forma contrária, outras religiões, notadamente os evangélicos apresentam uma rapidez e uma mobilidade (estrutural e humana) muito maior que a nossa Igreja. Somados a esses desafios e a tantas outras 'sombras de um mundo fechado' (Fratelli Tutti, 2020) temos a crescente perda de fiéis católicos nas últimas décadas. Conforme dados extraídos do IBGE pelo professor Alves (2021) sobre projeções de católicos e de outras religiões, estima-se que no ano de 2030 - daqui a 9 anos apenas!!! - o número de evangélicos terá superado o número de católicos no Brasil.

Isso afeta diretamente o ministério da catequese, as potenciais vocações, o apostolado das obras católicas, a participação na Igreja, etc., o que se apresenta também, como um hercúleo combate dos catequistas em seu múnus de evangelização e apoio à perenidade da Igreja Católica e Apostólica Romana no Brasil e no mundo.

Conclui-se, então, conforme o texto da Carta Pastoral, que o Ministério do Catequista – laical - ora instituído,

“possui, indiscutivelmente, uma valência secular. Esta exige “procurar o Reino de Deus, tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus”. A sua vida diária é tecida de encontros e relações familiares e sociais, o que permite verificar como “são especialmente chamados a tornarem a Igreja presente e ativa naqueles locais e circunstâncias em que, só por meio deles, ela pode ser o sal da terra” (Lumen gentium, 33).”



E ratificado pelo Concílio Vaticano II que em muito alterou e valorizou a participação laical no seio da Igreja, o documento conciliar 'Apostolicam Actuositatem' - sobre o apostolado dos leigos' reforça e destaca a importância dos membros atuando no Corpo único de Cristo, cada qual segundo sua importância e dignidade,

“Do mesmo modo que num corpo vivo nenhum membro tem um papel meramente passivo, mas antes, juntamente com a vida do corpo, também participa na sua atividade, assim também no Corpo de Cristo, que é a Igreja, todo o corpo “cresce segundo a operação própria de cada um dos seus membros” (Ef. 4, 16). Mais ainda: é tanta neste corpo a conexão e coesão dos membros (cfr. Ef. 4, 16), que se deve dizer que não aproveita nem à Igreja nem a si mesmo aquele membro que não trabalhar para o crescimento do corpo, segundo a própria capacidade.”

Enfim, no caso específico do catequista e agora impulsionado pelo novo Ministério ora instituído, ele é um membro que tem peculiar função e, assim, deve trabalhar para o crescimento do corpo segundo a própria capacidade do mesmo, sendo um verdadeiro sal da terra, tornando-o forte, presente, contagiante, alegre e co-partícipe na construção do reino de Deus.



Adilson Souza, Me

Matemático, Mestre em Engenharia Metalúrgica e Especialista em Gestão Estratégica. Superintendente do Axis Instituto e Consultor Organizacional Sênior. Professor de Graduação e Especialização: UIT/Itaúna, Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA) e Faculdade Vicentina de Curitiba (FAVI). cursando Teologia e aluno da Escola Diaconal da Diocese de Divinópolis/MG.

REFERÊNCIAS:

- Carta Apostólica Antiquum Ministerium, sobre o Ministério do Catequista. Papa Francisco. Roma, 10 de maio de 2021. <http://www.vatican.va>; Acesso em 11/05/2021.
- Decreto Apostolicam Actuositatem, sobre o apostolado dos leigos. Papa Paulo VI. Roma, 18 de novembro de 1965. <http://www.vatican.va>; Acesso em 09/05/2021.
- Jornal “L'osservatore Romano” - Ano XLV nº 27 - 03 de julho 2014.
- <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594562-o-papa-certo-para-uma-igreja-em-tempos-de-mudanca-de-epoca>; Acesso em 11/05/2021.
- Alves, José Eustáquio Diniz. Transição Religiosa – Católicos abaixo de 50% até 2022 e abaixo do percentual de evangélicos até 2032, artigo de José Eustáquio Diniz Alves. 2018. <https://www.ecodebate.com.br>; Acesso em 10/02/2021
- Beozzo, José Oscar. J. B. Libânio. A trajetória de um teólogo brasileiro. Testemunhos. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, (394): mai. 2012.
- Anuário Católico do Brasil, 2015. CERIS / Promocat Marketing 2015.
- Decreto Conciliar AD GENTES. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Paulus: São Paulo, 1997.
- <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/05/sao-paulo-ganha-uma-igreja-por-semana-e-templos-se-espalham-pelas-periferias.shtml>; Acesso em 01/06/2021.